

O GÊNERO DISCURSIVO *CHARGE* E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Jociane da Silva Luciano (UFRN)
jocianesilva_rn@hotmail.com

RESUMO: Este artigo, desenvolvido sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, objetiva apresentar algumas reflexões sobre as condições de produção constituintes da *charge*, bem como investigar como os efeitos de sentido gerados se materializam no presente gênero por meio dos discursos. Para tanto, selecionamos um (1) exemplar do referido gênero, retirado do jornal *Tribuna do Norte*, durante o mês de maio de 2012. Acreditamos na relevância do trabalho, à medida que este não apenas contribui para a consolidação de pesquisas em Linguística Aplicada e na Análise do Discurso Francesa, como também, corrobora a importância da compreensão de que estamos inscritos em um campo teórico que trabalha com a língua ligada, necessariamente, à produção de sentidos e à história, dos sujeitos e do dizer.

PALAVRAS-CHAVE: gênero *charge*; condições de produção; Análise do Discurso.

Introdução

Os estudos da linguagem sempre estiveram presentes em nossa sociedade, pois é por meio desta que podemos significar, regularizar e legitimar nossas diversas práticas sociais, e ainda construir e reconstruir nosso sistema social, histórico e cultural. Pesquisas diversas (BRANDÃO, 1996; MUSSALIM & BENTES, 2004; 2005; ORLANDI, 1999; 2001; POSSENTI, 2009) buscam compreender a relação entre língua e produção de sentidos; como são gerados os efeitos de sentido presentes nos discursos, e como estes se materializam nos diversos gêneros discursivos que se tem contato hoje. A presente pesquisa baseia-se nas postulações da Análise do Discurso Francesa (MAINGUENEAU, 1997; 2001; PÊCHEUX, 1969), e procura compreender sob essa perspectiva, as condições de produção que constituem um texto.

O nosso estudo tem como objetivo, portanto, retomar algumas reflexões basilares da Análise do Discurso e entender como as condições de produção constituem o texto e são fundamentais para a compreensão dos efeitos de sentido dos discursos. O artigo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, a introdução, que apresenta os estudos prévios na área, o referencial teórico, bem como os objetivos da pesquisa. Na segunda seção, desenvolvemos os pressupostos teóricos, buscando compreender, algumas noções da Análise do Discurso; as condições de produção e ainda o gênero discursivo *charge*. Na terceira seção, examinamos a *charge* selecionada e, por último, propomos as nossas considerações finais.

1. A Análise do Discurso

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma disciplina que teve sua origem na França na década de 1960, em função das contribuições do linguista e lexicólogo Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux, tendo como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada *Análise Automática do Discurso* (AAD), bem como o lançamento da importante revista *Langages*, organizada por Jean Dubois. O quadro epistemológico do surgimento da AD é composto por três elementos principais: o conceito de ideologia marxista; o estruturalismo com o método de análise e a teoria psicanalítica com o conceito de sujeito.

Vale ressaltar aqui que, ao longo do percurso dos estudos sobre a linguagem de viés estruturalista, houve sempre uma constante: a exclusão do sujeito. O mesmo não era levado em consideração, pois, era tido como um elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria ser uma língua objetiva, padronizada e homogênea. Mas, a partir da Análise do Discurso nasce uma perspectiva de intervenção, uma vez que, a AD abriu um campo de questões no interior da própria Linguística, questões estas relativas, sobretudo aos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. Assim, a AD vai à busca desse sujeito até então rejeitado e vai encontrá-lo em parte, na psicanálise, como já foi dito anteriormente, no materialismo histórico e na ideologia althusseriana.

A Análise do Discurso apresenta desde sua gênese três fases marcantes, cada uma delas, com a definição de seu objeto de análise. A AD-1, explora a análise de discursos estabilizados, no sentido de serem menos polêmicos, isto é, por permitirem uma menor abertura para a variação de sentido devido a um maior silenciamento de outros discursos e outros sujeitos. Têm-se nesse momento, a noção de “máquina discursiva”, que é uma estrutura responsável pela geração de um processo discursivo a partir de um conjunto de argumentos e de operadores responsáveis pela construção e transformação das proposições, concebidas como princípios semânticos que definem e delimitam o discurso.

Na AD-2, a noção de máquina discursiva começa a deflagrar, e o conceito de formação discursiva (FD), tomado de empréstimo do filósofo Michel Foucault é o dispositivo que desencadeia o processo de transformação na concepção do objeto de análise da Análise do Discurso, que passa a serem os discursos menos estabilizados, por serem produzidos a partir de condições de produção menos homogêneas.

É na terceira fase da AD que a noção de máquina discursiva é desconstruída. Nesse momento, adota-se a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso, será a relação interdiscursiva que estruturará assim a identidade das FDs. Apresenta-se então, a nova concepção de objeto de análise da AD – o interdiscurso.

A Análise do Discurso recorta seu objeto teórico que é o discurso, e nisso ela se distingue da linguística imanente que centra seus estudos na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências que usam a língua para instrumento de exploração de textos. Desse modo, a AD tem como objetivo evidenciar que “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos” (ORLANDI, 1999, p.17).

Dentre os conceitos que formam o cenário da Análise do Discurso, uma de suas noções basilares é o de – *condições de produção do discurso*, e baseados nos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux refletiremos um pouco sobre este conceito. Primeiramente, é importante ressaltar que as condições de produção não devem se restringir apenas a noção empírica de situação de enunciação (compreendendo as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato), essa está em um lugar teórico outro. As condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e o aspecto ideológico, por isso, a busca do analista pelas condições de produção do discurso não pode ser descomprometida com o aspecto histórico e ideológico “dos bastidores da encenação dos sujeitos e dos sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 95).

Pêcheux (1990) elabora um quadro representativo que explicita o que ele denominou de jogos de imagens de um discurso, obtido por meio de sentenças/ expressões seguidas de suas respectivas questões com as quais se observa o imaginário das condições de produção de um discurso. Esquemáticamente temos: 1) Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, correspondente à questão “*quem sou eu para lhe falar assim?*”; 2)

Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A, com a pergunta “*quem é ele para que eu lhe fale assim?*”; 3) Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B, com a pergunta “*quem sou eu para que ele me fale assim?*”; 4) Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B, com a questão “*quem é ele para que me fale assim?*”; 5) O “ponto de vista” de A sobre R, com a pergunta “*de que lhe falo assim?*”; e 6) O “ponto de vista” de B sobre R, correspondente à “*de que ele me fala assim?*”.

Sobre as relações desse jogo de imagens, Mussalim (2004) pontua que:

Esse jogo de imagens, mesmo estabelecendo as condições de produção do discurso, ou seja, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa e das representações que faz ao enunciar, não é preestabelecido antes que o sujeito enuncie o discurso, mas este jogo vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso. (2004, p. 137)

Ou seja, essas relações não são constituídas *a priori*, ao contrário, vão-se dando no decorrer do processo discursivo. Por esse quadro, Pêcheux reconhece no discurso não a presença física de organismos humanos individuais, mas sim a representação de sujeitos em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Essa representação é feita por várias formações imaginárias, que tem como função instituir o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo, ao outro, ou seja, mostrar a imagem que cada um faz de seu próprio lugar, do lugar do outro e do objeto do discurso.

A leitura das condições de produção do nosso objeto de estudo, não deve se limitar apenas ao entendimento de uma posição empírica de um sujeito que determina seu dizer, mas sim ser apreendida em um sentido mais amplo, como discursos que se dão na relação interdiscursiva e que necessitam ser entendidos como produtores de sentidos para o sujeito, uma vez que, este não fala a partir de um vazio, mas a partir de lugares que são historicamente e ideologicamente construídos.

2. Charge, um gênero discursivo?

A noção tradicional de gênero foi inicialmente elaborada no âmbito de uma poética, de uma reflexão sobre a literatura, só recentemente ela se estendeu a todos os tipos de produções verbais. É cada vez mais explícita nos dias atuais, a atitude de dar visibilidade aos gêneros, compreendê-los e analisá-los em sua especificidade nos vários campos sociais. Para Maingueneau (1997), os gêneros do discurso são dispositivos sociais de enunciação do discurso, é uma realidade empírica resultante da articulação entre a organização textual e o fenômeno social. Não se trata de buscar nem a organização textual em si mesma, como objeto acabado, nem de considerar a situação de comunicação apenas como moldura, mas sim de ressaltar sua íntima associação e interinfluência. Em outras palavras, para cada texto está implicada uma atividade enunciativa ligada a um gênero do discurso, por isso “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2001, p. 59).

Os gêneros de discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas, trata-se na realidade, de atividades sociais que, por isso mesmo, são submetidos a um conjunto de *condições de êxito*. Assim, para conceber um determinado texto como sendo um gênero é necessário compreender a constituição dessas condições, que para Maingueneau (2001) envolvem elementos de ordens diversas, que são:

1. Uma finalidade reconhecida: Todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa. O nosso objeto de estudo – a charge – tem por

objetivo, criticar por meio da ironia e do humor um fato ou acontecimento atual. A determinação correta dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado.

2. O estatuto de parceiros legítimos: Nos diversos gêneros do discurso, já se determina de quem parte e a quem se dirige a fala. Na charge, o chargista a produz e a dirige para o leitor do jornal.

3. O lugar e o momento legítimos: Todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento, não se trata de coerções externas, mas de algo constitutivo. Por tratar exatamente de fatos atuais (um acontecimento discursivo fechado, que nesse caso é a greve dos ônibus), a charge se refere a um momento específico e particular, e por isso apresenta uma validade fechada.

4. Um suporte material: O que chama-se “texto” não é um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de existência material. No caso da presente charge, o suporte material é o jornal, mas precisamente o jornal “Tribuna do Norte”, contudo estas também podem ser encontradas em revistas, livros didáticos e na internet.

5. Uma organização textual: Todo gênero de discurso está associado a uma certa organização textual que cabe à linguística textual estudar. Existem os gêneros que apresentam uma organização textual flexível, como é o caso de uma conversa familiar, e aqueles que apresentam certa rigidez na sua organização, como é o caso da charge, que é organizada por meio da articulação do texto verbal (pequenas frases e falas) e do não-verbal, que são as imagens (na maioria das vezes caricaturas).

Essas condições de êxito estabelecidas por Maingueneau correspondem ao programa formulado por Bakhtin para o estudo da língua, encarando os gêneros do ponto de vista do discurso, onde a metodologia enfatiza exatamente a existência histórica da língua: as relações sociais evoluem, a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais e as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, disso resulta a mudança das formas da língua.

A partir das condições de êxito propostas por Maingueneau podemos responder positivamente à pergunta feita no enunciado no acima, tendo em vista que, se a charge apresenta todas essas condições, esta é considerada como um gênero discursivo.

3. A charge

O termo charge é francês e vem de *charger* que significa carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (SILVA, 2004). A charge surgiu formalmente na França, como uma forma de protesto a não liberdade de imprensa, sempre controlada rigorosamente pelo Estado, ou seja, desde a antigamente os sujeitos já se valiam das charges para criticar algo de errado que estava ocorrendo na sociedade, que nesse caso era a falta de liberdade de expressão. Por apresentar exatamente esse caráter combativo, a charge possui atualmente lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Este tipo de texto apresenta um caráter temporal, tendo em vista que, trata de fatos do dia, ou seja, de acontecimentos que são notícia em um determinado momento da história.

De acordo com o Dicionário Houaiss, a *charge* é um desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, geralmente veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza por meio da caricatura, um ou mais personagens envolvidos.

Algumas das características mais marcantes desse gênero são a caricatura, a sátira e a ironia. Por meio desses elementos, os chargistas criticam fortemente e ideologicamente os erros e problemas existentes na sociedade, que dizem respeito, na maioria das vezes, à

política e aos políticos corruptos do nosso país, essa crítica chega até os leitores na forma de ironia e principalmente de humor.

Oliveira (2001) nos explica que,

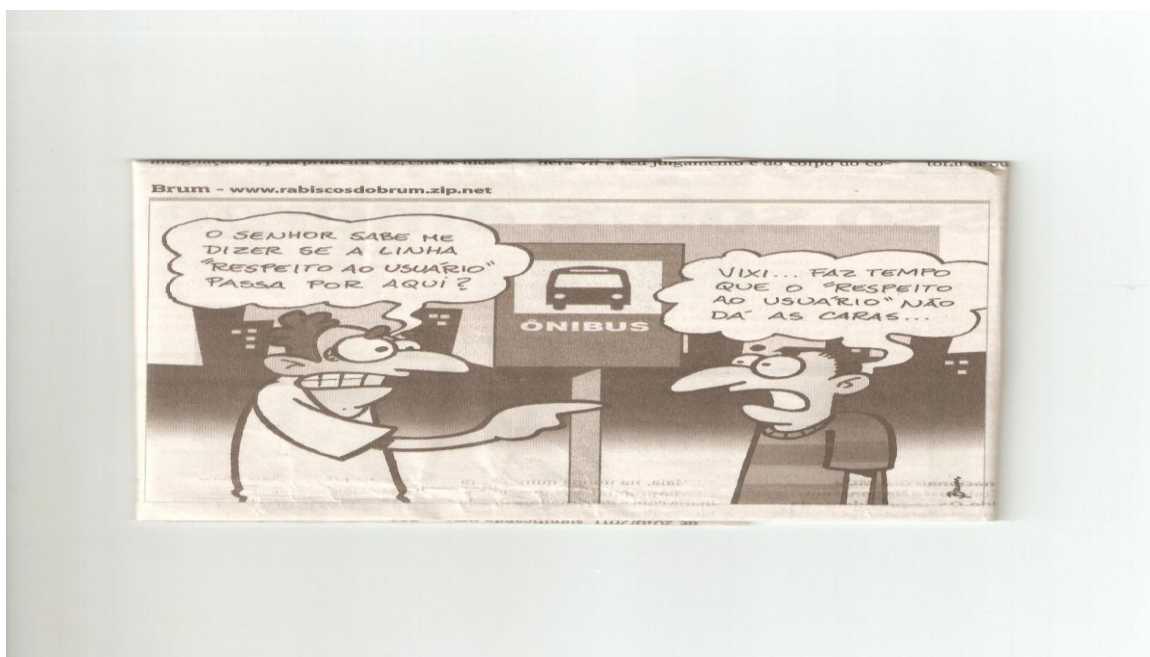
Como qualquer discurso fundado na linha do humor, os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica em um texto aparentemente despretensioso. (2001, p. 265)

A charge, por apresentar um texto supostamente despretensioso, ou seja, por mostrar discursos “aparentemente neutros”, pode em sua superficialidade perdurar por pouco tempo, mas, sabe-se que não existe discurso neutro e sim que todo e qualquer discurso é carregado de crenças, valores e ideologias, de tal modo, é importante ressaltar que ampla pode ser a leitura interpretativa das charges, por nelas se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. A mesma pode ser trabalhada com diversas finalidades e através de seus elementos, têm-se acionadas a memória do sujeito e verifica-se a presença da história. Assim, infere-se que a charge é sempre e a todo o momento construção de sentidos.

4. Análise e Resultados

O objetivo geral dessa seção é apresentar a análise das condições de produção de uma *charge*, sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa. Vejamos como as condições de produção são fundamentais para a constituição do texto.

Na charge temos¹:



A charge mostra dois indivíduos, conversando em uma parada de ônibus. O personagem diz: “O senhor sabe me dizer se a linha “respeito ao usuário” passa por aqui?”. A expressão “respeito ao usuário” já remete a uma crítica, é como se o indivíduo já estivesse procurando por “esse respeito” há algum tempo e ainda não tivesse encontrado,

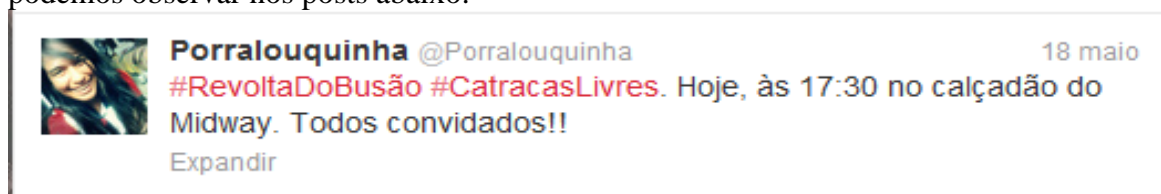
¹ A charge foi retirada do Jornal Tribuna do Norte, 15 de maio de 2012.

pois, o desrespeito aos cidadãos vem crescendo a cada dia. O outro personagem em tom irônico diz: “Vixi... faz tempo que o “respeito ao usuário” não dá as caras...” Nesta fala, podemos observar que o segundo indivíduo também não é respeitado, e que este já está “conformado”, pois em determinadas situações, algumas pessoas não conseguem valer-se de seus direitos nos dias atuais. Sugere-se que a expressão “respeito ao usuário” corresponde a uma determinada linha de ônibus que ainda não passou e nem vai passar porque todas estão em greve. A charge sugere o descaso para com a população não só do poder público, mas também de outros órgãos competentes.

A charge acima foi produzida durante a greve dos ônibus na cidade do Natal, em 2012. O acontecimento se deu a partir do momento em que os motoristas e cobradores de ônibus de Natal iniciaram no dia 14 de maio de 2012 a greve dos transportes públicos, que perdurou por quatro dias, o que gerou um verdadeiro caos na vida de muitas pessoas que dependem desse serviço para se deslocarem, como mostra a fala do diretor de comunicação do SETURN Augusto Maranhão em entrevista concedida ao portal UOL Notícias²: “Essa greve não ataca apenas a nós, donos de empresas de ônibus, mas sim uma sociedade que precisa do transporte para se locomover ao trabalho, a escola e realizar todos os compromissos. A população não pode ser prejudicada com o transtorno que essa greve ocasionou hoje”.

A greve teve como principal reivindicação o aumento salarial dos trabalhadores, que conseguiram junto às Empresas de ônibus um aumento de 6%. Diante da crise que a greve causou em toda a cidade, pois pessoas faltaram a seus trabalhos e estudantes faltaram a suas aulas, a prefeita Micarla decidiu interferir nas negociações entre o Sintro-RN e SETURN e se posicionou contra o reajuste da tarifa, que hoje é de R\$2,20 e subiria para R\$2,30.

Esse acontecimento provocou uma mobilização que ocorreu na noite do dia 16 de maio, nas proximidades do shopping Midway Mall, primeiramente na Avenida Salgado Filho com a Avenida Bernardo Vieira e em seguida no cruzamento da Salgado Filho com a Avenida Afonso Pena, nas mediações do supermercado Nordestão. Os jovens estudantes, mais uma vez, se utilizaram das redes sociais para organizar e expandir o movimento “#REVOLTADOBUSÃO”. A convocação para o protesto foi feita através do twitter, como podemos observar nos posts abaixo:



e reuniu cerca de 500 estudantes universitários, munidos de cartazes e apitos, fechando os dois cruzamentos mais movimentados da cidade de Natal. Outras pessoas foram às ruas e

² Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/05/14/motoristas-e-cobradores-de-natal-entram-em-greve-cinco-onibus-sao-depredados.htm>. Consultado em: 20/05/2012.

aproveitaram a situação para manifestar apoio ao posicionamento da prefeita, utilizando faixas com a hashtag³ “#VETAAUMENTOMICARLA”, que também foi veiculada nas redes sociais. Apreende-se com isso que, a intenção desses indivíduos era a aliança entre a decisão da prefeita e a dos manifestantes, criando uma imagem positiva e companheira de Micarla, diferentemente da imagem negativa que lhe foi atribuída no movimento #FORAMICARLA⁴.

Compreende-se essa relação entre os manifestos como um efeito interdiscursivo, que acontece quando se recorre a algo já existente, ou seja, a um “já-dito”. A esse respeito Maingueneau (1997) afirma que por trás de um elemento há sempre um movimento de enunciação – um já-dito (passado) que comporta um dizível (futuro). Maingueneau, sobre a noção de interdiscurso afirma ainda que, “um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos” (1997, p. 120), e é isso que ocorre quando na charge há a relação com outros discursos.

Nesse caso, o já-dito diz respeito ao movimento #FORAMICARLA ocorrido no ano passado, em que manifestantes revoltados com a administração da atual prefeita resolveram sair às ruas e pedir o seu impeachment. Mas, como mostra reportagem veiculada no Jornal Online Diário de Natal, a Câmara Municipal de Natal rejeitou a abertura do processo de impeachment da prefeita Micarla de Sousa, para a abertura eram necessários onze votos favoráveis, no entanto, apenas oito vereadores concordaram com o pedido⁵.

A charge foi produzida durante um momento histórico e socialmente situado (a greve de ônibus), por isso, ela se constitui em um momento de embates discursivos entre grupos (grevistas/ população/ prefeitura). De acordo com Pêcheux (1990, p.77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, com esta afirmação podemos inferir que as condições de produção são constitutivas do discurso e consequentemente da charge. Portanto, o importante é a relação que se procura estabelecer entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que esse discurso fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros.

Considerações Finais

No percurso desta pesquisa, tendo em vista as análises feitas, podemos observar que a Análise do Discurso de linha francesa centra o seu objeto de estudo não na língua utilizada como mero instrumento de exploração de textos, mas sim no discurso, onde a questão que prevalece é porque determinado discurso foi produzido e não outro. Compreendemos ainda, que a língua para significar tem de se inscrever na história (ORLANDI, 2001) e foi isso o que procuramos mostrar expondo como as condições sócio-históricas e ideológicas constituíram a charge em questão.

Entendemos que as condições de produção, não implicam apenas em um exterior de ordem empírica, localizadas fora da linguagem e que a ela são somadas para significar, mas que são constitutivas da mesma é que por isso, podemos falar em discurso. É

³ Hashtags são palavras-chave antecidas pelo símbolo "#", que designam o assunto ao qual está se discutindo em tempo real no Twitter. As hashtags viram hiperlinks dentro da rede e indexáveis pelos mecanismos de busca.

⁴ O movimento #FORAMICARLA foi uma onda de protestos que tiveram início no dia 25 de maio de 2011 contra a prefeita do Natal, Micarla de Sousa. Realizado majoritariamente por jovens de classe média, o movimento tomou um caráter plural, horizontal e apartidário, culminando com a ocupação da Câmara Municipal de Natal no dia sete de junho. O objetivo era pedir a investigação dos contratos firmados pela prefeitura.

⁵ Disponível em: http://www.diariodenatal.com.br/2011/12/16/politica1_0.php. Consultado em: 20/05/2012.

importante que silenciemos para ouvir, o que não está materializado, porém existe no discurso e produz efeitos de sentido.

Assim, pretendemos apresentar, nestas breves considerações, que é interesse da Análise do Discurso mostrar que todo texto se constitui sempre em determinadas condições de produção e que cabe ao analista descrevê-las e analisá-las.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 5. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

FURLANETTO, Maria M. Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirré. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. Cap. 12, p. 260-281.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1997. (título original, 1987)

_____. Tipo e Gêneros de Discurso. In: _____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. C. P. de Souza-e-Silva; D. Rocha. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 5, p. 59-70.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Cristina, (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 4, p. 101-142.

OLIVEIRA, M.L.S. de. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J.C. de. (Org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (ADD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (título original 1969)

SILVA, C. L. M. e. *O trabalho com charges na sala de aula*. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.